

Resumo

Este artigo traz alguns recortes de uma experiência de escrita acadêmica, no âmbito do Seminário de Educação Brasileira, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, no semestre 2013.2, como parte de uma pedagogia ou metodologia de estudos, que estimulava no corpo discente o desenvolvimento de apreciações críticas sobre leituras de livros e autores relacionados no programa de estudos proposto, percorrendo processos sociais e históricos mais amplos, que resultaram na Educação Brasileira. Aprecia diversos temas e autores, como CASTELLS (2004) e (2007); GAMBINI (2000), NÓVOA (2000), LIPOVETSKY (2009), SANTOS (2006) e TAVARES (2007), para buscar entender: 1) a formação da “alma brasileira” pelo contato cultural dissolvente havido com os colonizadores; 2) o sentido da cantoria e poética sertaneja; 3) o abecedário da obra de Ariano Suassuna, como intérprete criativo dessa cultura de raiz ibérica e europeia; 4) o resultado civilizacional, social e tecnológico do processo colonial. Conclui que o ensino da área de Educação Brasileira se torna mais envolvente, quando constituído através de pedagogia mais ativa que leva ao debate grupal e à escrita autoral.

Palavras-chave: Educação Brasileira. Ensino da História. Escrita Acadêmica.

Abstract: THE BRAZILIAN EDUCATION EDUCATION: THEMATIC SCRAPS, AUTHORS 'EVALUATION AND ACADEMIC WRITING

This article brings some highlights of an academic writing experience, within the scope of the Brazilian Education Seminar, together with the Post-Graduation Program in Brazilian Education of the UFC, in the semester 2013.2, as part of a pedagogy or methodology of studies, which stimulated in the Student body the development of critical assessments of book readings and related authors in the proposed study program, going through broader social and historical processes that resulted in Brazilian Education. Appreciates several themes and authors, such as CASTELLS (2004) and (2007); GAMBINI (2000), NÓVOA (2000), LIPOVETSKY (2009), SANTOS (2006) and TAVARES (2007), to seek to understand: 1) the formation of the “Brazilian soul” through the dissolving cultural contact with the colonizers; 2) the sense of sertaneja singing and poetic; 3) the abecedario of the work of Ariano Suassuna, as creative interpreter of this culture of Iberian and European roots; 4) the civilizational, social and technological result of the colonial process. It concludes that the teaching of the area of Brazilian Education becomes more involved, when constituted through more active pedagogy that leads to group discussion and author writing.

Keywords: Brazilian Education. Teaching History. Academic Writing

⁴ Mestre em Educação - UFC

Resumen: LA ENSEÑANZA DE EDUCACIÓN BRASILEÑA: RECORTES TEMÁTICOS, APRECIACIÓN DE AUTORES Y ESCRITA ACADÉMICA

Este artículo trae algunos recortes de una experiencia de escritura académica, en el marco del Seminario de Educación Brasileña, junto al Programa de Postgrado en Educación Brasileña de la UFC, en el semestre 2013.2, como parte de una pedagogía o metodología de estudios, que estimulaba en el estudio y en el caso de las mujeres, en el caso de las mujeres. Se aprecia diversos temas y autores, como CASTELLS (2004) y (2007); (GAMBINI (2000), NÓVOA (2000), LIPOVETSKY (2009), SANTOS (2006) y TAVARES (2007), para buscar entender: 1) la formación de la "alma brasileña" por el contacto cultural disolvente habido con los colonizadores; 2) el sentido de la cantoria y poética sertaneja; 3) el abecedario de la obra de Ariano Suassuna, como intérprete creativo de esa cultura de raíz ibérica y europea; 4) el resultado civilizacional, social y tecnológico del proceso colonial. Concluye que la enseñanza del área de Educación Brasileña se vuelve más envolvente, cuando constituido a través de pedagogía más activa que lleva al debate grupal y a la escritura autoral.

Palabras-Clave: Educación Brasileña. Enseñanza de la Historia. Escritura Académica.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo foi escrito com o objetivo de organizar o conjunto de ideias que foi sendo gestado no interior de nossos pensamentos a partir das leituras propostas pela disciplina Seminário de Educação Brasileira, iluminadas com as reflexões realizadas no debate grupal no decorrer de cada aula deste Seminário. Os tópicos abordados seguem a sequência do programa da disciplina, isto é, propõem-se a discutir temáticas que percorrem a história da educação. Assim, iniciamos nossas reflexões a partir da leitura da obra de Gambini (2000), analisando como se deu a desconstrução da cultura indígena ao longo da nossa história. Seguindo essa busca pelo entendimento da história da educação, propomos uma conversa com a obra de Tavares 2007, que aborda o sentido das cantorias e versos populares para nossa formação cultural. Depois propomos uma breve reflexão sobre a felicidade ditada e consumida na era moderna, inspirada nas leituras de Lipovetsky (2009) e Castells (2007), findando com os questionamentos sobre a organização escolar fundamentado em Nóvoa e Schriewer (2000).

Esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam, em diferentes momentos, auxiliar aos professores à compreensão de sua prática e a inspirá-los à persistência no trabalho de pesquisa e produção científica, compreendendo este como o caminho para reconstrução do trabalho de ensinar e aprender.

2. ÍNDIO – A ALMA NEGADA DO BRASIL.

Ao nos propor a falar da Cultura indígena, tomamos como contorno destas reflexões o choque que se deu entre duas culturas, a europeia e a indígena, do ponto de vista da formação social da família brasileira – em que fica evidente o predomínio da moral europeia e católica.

É interessante ressaltar a forma de contato dos povos indígenas, como processo "dissolvente" de sua cultura, como bem definiu Freyre (2001) em sua obra "Casa-Grande e Senzala".

Entre as populações nativas desta terra, ainda pagã para os europeus, foi se tecendo a trama de uma relação de domínio cuja ocupação se dava,

sobretudo, pela “salvação” dos espíritos, mediadas pela imposição das regras e vigília em oração dos “soldados de Cristo”, que julgava a existência de algo demoníaco nos povos que mais se assemelhavam a feitiçaria, cultuando ritos numa língua incompreensível para os humanos e tantas vezes entendidas pelos bichos do lugar.

Com a invasão dos povos europeus principia-se a desorganização da vida social, cultural e econômica dos indígenas. De forma sutil e agressiva, vai-se desconstruindo o equilíbrio entre os homens e o meio físico, sufocando e fazendo desaparecer a graciosidade e espontaneidade dos nativos.

O culto ao “descanso” como forma de fortalecimento do espírito fora julgado como “preguiça”, pecado maior entre os índios; os cantos doces, de sabores agrestes como a tropicalidade do clima, os jesuítas substituíram-nos por outro, compostos nas suas línguas com notas acres e melodias secas e mecânicas; à naturalidade das diferentes línguas nativas impuseram uma só, a “geral”. A catequese dizimava os instintos, a energia “animal” usada nos rituais de prazer e de cura de doenças, permitindo a permanência de uma, ou de outra expressão dos curumins.

Procuravam apagar, ou pelo menos, silenciar tudo o que fosse expressão artística ou religiosa que apresentasse desacordo com a moral católica e com as convenções europeias. Tentaram e, em certa medida, alcançaram êxito na separação da arte e da vida. Introduziram em nosso chão os fundamentos de uma arte, constituída de exercício da perfeição, com música formada a partir de composições de notas, de adestramento dos meios de comunicação, partindo para a conquista da escrita e domínio da caligrafia. Expressões, estas sim, tomadas como sagradas e como acordo com o pensamento predominante dos catequizadores.

Pelas mãos dos jesuítas e força de suas ideias, formas livres e nômades da vida indígena foram trocadas por “arrumações” mais organizadas de vida nas tribos. A segregação dos indígenas em aldeias talvez tenha sido uma das influências mais profundas para sua história. Era todo o ritmo de vida social que se alterava nos índios. Os povos, acostumados à vida dispersa e nômade, começaram a se degradar quando imersos num universo de grande concentração e absoluto sedentarismo.

Tudo se foi processando através de um regime escravista cujo mote seria o domínio da riqueza da nova terra, se possível com o consentimento de seus habitantes. No entanto, Gambini (2000) coloca que essa riqueza se foi corrompendo sob os efeitos “disgênicos” do novo regime de vida. O trabalho sedentário e contínuo, as doenças adquiridas ao contato com os brancos, ou pela adoção, forçada ou espontânea, dos seus costumes, a sífilis e outras doenças, foram fazendo desaparecer os índios. Todavia, a sua alma, embora negada pela história oficial, é a que melhor define nossa existência.

Dos indígenas, herdamos o jeito doce de nos relacionar com o outro na condição de gente, na acepção concreta da palavra. O reconhecimento do outro pelo toque das mãos; o olhar compreensivo, demorado e concretizado no gesto de “pegar” é doce herança indígena. A língua com seus vieses e contrapontos, com suas interrogativas silenciosas e contemplação misteriosa do que se diz nos gestos contidos ou exaltados do corpo também é herança desse povo. A comida sofisticada na simplicidade de seus temperos que tanto encanta o paladar de nossa gente é herdada dos índios. Como o é também o gosto pelo asseio diário; a alegria experimentada nos banhos de rio, mar ou cachoeira; o sonho pela liberdade de atravessar o mundo “num indo e vindo infinito”; a poesia que vem da alma e brinca de roda com o que não é palpável, fazendo ver o que há por dentro dos olhos;

o culto à moleza convidativa das redes; as conversas tiradas à boca da noite; a arte de se pintar, se enfeitar representar e de dançar.

A história do Brasil contada nas escolas é mais um conto que se conta, e que tem como fundamento as “penas, as timbiras, os chocalhos, o urucu, as sementes, tudo o que é perecível”, e que se deixa apresentar hoje como uma história que não tem ponto, que está aberta às subidas e descidas, entradas e partidas de gente que lhe informe, reforme e dê-lhe a forma real de seus dias, e quem sabe assim em algum momento não veremos um dia “um índio descer de uma estrela brilhante.”

3. DO PENSAMENTO A FALA, DA FALA O CANTO, DO CANTO A POESIA: MEMÓRIA E VOZES DO SERTÃO.

Iniciamos nossas reflexões sobre as vozes poéticas do sertão, abordando aspectos considerados importantes para a formação cultural de nossa identidade. Colocamos estes aspectos no mesmo nível de importância em que estão outros, considerados relevantes para a concretização do ensino e da aprendizagem na sala de aula ou fora dela, tais como: o desenvolvimento da sensibilidade estética através da descoberta da boniteza da própria vivência; o confronto de ideias e pensamentos sobre o estudo da origem e dos costumes daquilo que dá forma ao lugar que a gente vive; o reconhecimento de um mudo plural, e ao mesmo tempo singular, na sua existência; a compreensão de nossa vida na voz que se levanta fazendo alarde no silêncio das memórias do povo em forma de Cordel e Cantoria.

Os aspectos que queremos ressaltar são decorrência daquilo que entendemos por educação na acepção pedagógica do termo. Tomamos como ponto de partida, então, o sentido etimológico da palavra EDUCAÇÃO, que significa “levar para

dentro” - eu diria para dentro da alma - aquilo que melhor define o nosso corpo, fazendo-nos sentir confortável dentro da existência. E aqui se encontra o sentido importante do “ato de educar”, como afirmou Freire (1996), que se constitui nesse movimento de levar e de trazer saberes nessa ação.

Essa compreensão em muito se assemelha com a formação histórica e geográfica do sertão, construído por dentro com “entradas e bandeiras”, fazendo brotar do chão duro, seco e áspero o pensamento que dá origem à fala, que por sua vez origina o canto e deste faz a poesia que conta as histórias dos povos, dos bichos e das plantas do sertão. Educar por dentro é uma vivência cuja experiência pode significar uma construção de uma aprendizagem verdadeiramente humana.

Propõe-se a explorar o significado acima descrito da palavra educação porque acreditamos que educar envolve os saberes e as experiências de todos os sujeitos que participam desta atividade, elevando acontecimentos de um passado que se faz vivo no presente, sem, contudo, ser sua simples repetição, mas vindo a ser a configuração permanente de um tempo que se renova à medida que se mistura aos acontecimentos do presente, promovendo a mudança deste e daquele tempo, “o Presente muda o Passado o tempo inteiro”, como bem define Freire (2013, p.34).

O Cordel, as Cantorias e o Romance surgem no cenário sertanejo como expressões nascidas por dentro da alma de um povo que bebeu, em fontes diferenciadas e inesgotáveis de conhecimentos, a inspiração para seus versos, duelos e histórias, constituindo-se, portanto, como “guardadores” e “divulgadores” dos modos de vida desse povo. A oralidade é a marca primeira dessas expressões, é “um não saber” de onde vêm ou de como foram trazidas para o nosso meio. Essas manifestações literárias lhes atribui o encanto maior, envolvendo-as de mistério, cobrindo de significado os seus saberes.

“O sertão é o mundo e está em toda parte”, afirma Riobaldo (2001, p. 146) em suas reflexões de jagunço, conhecedor do seu universo interior e exterior. E trazer esse universo para dentro da literatura sem alterar-lhe as feições, sem abrandar-lhe as coragens, sem ocultar-lhe o medo, sem mudar-lhe o timbre da voz, constitui a grande façanha do cantador, do poeta ou do romanceiro. A identidade dessas expressões literárias é a própria face do sertanejo que carrega no olhar e na lida do dia as marcas de uma relação que se vai construindo com a luz da fé, com os momentos amargos da labuta e com os instantes doces que a experiência ajuda a transformar em sabedoria, para assim viver melhor.

E são tantas as vozes do cancionero popular sertanejo, dos cordelistas que nos fazem conhecer as histórias de terras tão distantes no tempo e no espaço, mas que se fazem tão próximas nas adaptações de agora, que nos ajudam a ver a poesia que brota do chão e se alimenta de sol, que nos fazem lembrar de um tempo vivido, senão por nós, por pessoas que são partes de nós, nossos pais, avós, parentes de um tempo que não foi possível conhecer.

São tantos os que conhecemos, e foram tantos a nós apresentados no estudo do livro “MEMÓRIA DAS VOZES: cantoria, romanceiro e cordel” de Santos (2006), que não dá para citar todos, embora o estejam em todas as linhas destas reflexões.

No entanto, há aquele menino de 86 anos, filho da Paraíba e “do” Pernambuco, crescido à margem de um rio de sangue, aninhado nos panos de tantas tragédias, educado pelos reflexos da luz divina, tantas vezes guiado pelas gloriosas façanhas do diabo, crescido no sertão e animado pela força bruta da cidade, conduzido pelo entendimento matuto e matreiro de um povo, que nos valem para dizer da grandeza que se esconde no chão empoeirado de nossa visão sertaneja, quando ao

mais leve suspiro de Deus faz enxergar tudo novo e bonito.

O ABC de Ariano Suassuna, soletrado por Bráulio Tavares (2007), é um estudo que nos conduz ao entendimento de que a educação é mesmo um processo que “se faz por dentro” sem ignorar o que está por fora, nos faz acordar pra leitura de um tempo que se renova a todo momento, nos leva a imersão nos valores e princípios de uma gente, que mesmo não tendo acesso ao mundo dos letrados, conhece sua história e sabe cultivar a generosidade de compartilhá-las com o presente e com as gerações futuras através de versos e de suas cantorias.

4. FELICIDADE - UM ESTADO DE BELEZA E DE ILUSÃO

Vivemos um tempo em que as coisas mudam em uma velocidade assustadora, e isso tem confundido os nossos pensamentos e, por vezes, tem virado às avessas as nossas concepções e valores. Já não conseguimos sequer refletir sobre o que consumimos e nem para que o fazemos.

Para atenuar os desconfortos da alma, a sociedade aponta hoje, no mundo e aqui no Brasil, o consumo como caminho luminoso para vencer as trevas que a “infelicidade” instaurou no mundo de quem se perdeu, à procura da explicação, ainda que “duvidosa”, das complexidades deste tempo. Letreiros, de forma cada vez mais sofisticados e atraentes, enchem nossos olhos de espanto e admiração; a cada hora um novo produto é lançado nas prateleiras do comércio, ganhando morada (cada vez mais breves) no espaço de nossos desejos e de nossos sonhos; a cada segundo são apresentadas novas formas de vestir, novo formato de embelezamento do corpo, salvando-o da frustração da velhice.

Quando pensamos estar entendendo o uso adequado de um dado produto, uma nova versão (mais luxuosa e eficiente) se apresenta para desconforto eterno do nosso entendimento. Consumimos e somos consumidos pela exaustiva procura de um estado de felicidade, que não está senão nas pessoas, estas que tantas vezes são colocadas em segundo plano no altar de nossa adoração interior.

Lipovetski (2009, p. 175) explica que “a nossa época gera em grande escala o ‘mal-viver’ e o sofrimento psíquico, mas, ao mesmo tempo, é também aquela em que a maioria das pessoas pode redistribuir as cartas da existência e recomeçar a partir de novas bases. É uma época que desmultiplica os elementos depressivos, mas que nos oferece também mais instrumentos de diversão, mais estímulos, para que as circunstâncias se transformem mais rapidamente”.

Nesse sentido, cabe-nos afirmar aqui que, em tempos de hiperconsumo e de confusão na ordem dos sentimentos, este será um novo tempo marcado por uma reinvenção dos valores sociais que regem nossas vidas, a partir da própria vivência. A felicidade enquanto estado de beleza e ilusão é criação da lógica do modelo social em que vivemos. A sociedade convida à felicidade através do consumo, quer seja ele de ordem material ou física, porque o consumo é o alimento para o sistema capitalista que teve o seu nascimento e desenvolvimento ligado ao modo de produção do luxo e do supérfluo. A beleza é o encanto capaz de romper com a falta de compreensão que os (des)caminhos desse sistema impõe à humanidade.

Por melhor e mais valioso que seja um objeto, ele jamais será capaz de suprir a ausência da pessoa que se ama; por mais encantadora que seja uma viagem, ela nunca conseguirá nos dizer mais do que

o que nos diz nossa viagem interior; por mais galantes que sejam as conversas ditas num meio cultural, através da profusão da música, do teatro ou da literatura, elas nunca terão o sabor das palavras sinceras proferidas num olhar de uma conversa construída no silêncio dos sentimentos; por mais eloquentes que sejam os discursos acadêmicos, eles nunca saberão expressar a sabedoria das falas maternas.

A sociedade do hiperconsumo é uma sociedade que se constrói com acertos e desacertos, tendo no centro de sua sustentação a “alegria sem economia” da presença constante de um outro que humaniza as ideias e se faz força de contraposição da supervalorização do TER em detrimento do SER.

5. A INTERNET É REDE DE UM MUNDO QUE NÃO DORME

A rede é para nós, seres de raízes indígenas, um convite à preguiça, ao sono e ao lazer. No entanto, no contexto da Galáxia Internet⁵, ela ganha um significado mais sofisticado e menos humanizador. Manuel Castells (2004), nos diz em seus estudos que:

uma rede é um conjunto de nós interligados. As redes são formas muito antigas da atividade humana, mas atualmente essas redes ganharam uma nova vida, ao converterem-se em redes de informação, impulsionadas pela internet. (CASTELLS,2007, p.15).

Nesse ganho de significado, não foi apenas a rede que ampliou de forma considerável o seu sentido, as relações das pessoas entre si, com as informações, com o desenvolvimento econômico e com o mundo também ganham contornos definidos, indefinidos, fascinantes e, ao mesmo tempo, apavorantes.

⁵ Galáxia internet : é um termo usado por Manuel Castells para caracterizar o novo mundo da comunicação. Segundo o autor, o uso da internet como sistema de comunicação e como forma organizacional teve, como uma galáxia, uma explosão nos últimos tempos.

A galáxia Internet, conclama o mundo para um estado de eterna vigilância, cria-se através dela uma “rede” de comunicação entre os povos de todas as nações, uma rede que não faz trégua para o silêncio, que precisa todo o tempo estar conectada a milhões de ideias, criando um poder de interdependência entre as pessoas, levando-as a mediarem o valor de suas existências à capacidade de entrada nas “redes” que, ao contrário daquela mencionada no início do texto, jamais convida para um descanso, mas para um estado de alerta aos acontecimentos de todo instante.

De acordo com Castells (2004, p. 34), “a internet nasceu na encruzilhada insólita entre Ciência, a investigação e a cultura libertária”, tendo seu nascimento atrelado a esse universo, não é de se estranhar que a internet siga, em sua trajetória de crescimento, a mesma lógica do Capitalismo, acentuando as desigualdades, servindo ao poder, excluindo os mais fracos, rompendo com o poder de humanização, que cada pessoa traz em si. Com o discurso de aproximar pessoas, as confinam no isolamento de suas próprias emoções. O outro é o conhecido, que fala de lugares inimagináveis e de tempos imemoriais, mas não ultrapassa a tela do computador para colar os destroços de um coração que se quebrou, nem segura a mão para conduzir os passos de um corpo que se perdeu na caminhada de seu próprio universo interior.

Nesta Galáxia, o tempo é um farol que está sempre apontando para o futuro, isto é, para a modernidade. O passado torna-se quase um conto sem luxo, feito apenas para guardar imagens de fenômenos extintos, dentre os quais destacamos aqueles constituídos pela forma de conversas entre as pessoas, que se davam num plano superior às palavras ditas. Tudo se fazia entender pelo que não era dito pela fala, mas expressado pelo olhar e gestos de quem conduzia a conversa.

Nesse frenesi de estar com o pensamento sempre voltado para o futuro, constrói-se no presente uma época de agilidade nas atividades: “quanto mais se faz, mais há o que se fazer” neste tempo. A velocidade de produzir e desenvolver com mais eficiência um trabalho depende da capacidade de cada um de saber trabalhar em rede, cria-se, assim, a ideia de se estar construindo um trabalho de caráter coletivo, que é essa também a ideia que faz do capitalismo um sistema potencialmente revolucionário. Essa revolução acorda muitos medos e incertezas, sobretudo acerca do sentido do que se está fazendo no mundo.

O autor em estudo finaliza o capítulo que trata das “lições de história da internet”, dizendo que “a internet é, antes de tudo, uma criação intelectual” (Idem, p.52). E, nessa condição, ela é construída por pessoas, ganha a dimensão da ordem social que lhe dá abrigo, mas tem a forma que as pessoas lhe atribuem. Nesse contexto confuso de acelerado desenvolvimento, a escola sofrerá os primeiros impactos dessa revolução, que muda radicalmente a forma de produção do conhecimento. Faz-se urgente a apropriação de saberes que apontem para um convívio com a internet dentro das escolas, sem, contudo, intensificar a desigualdade de acesso às informações, mas utilizando-a como instrumento de compreensão do mundo, e de construção de pensamentos que sejam capazes de romper com a divisão social de nossos bens culturais, econômicos e sociais.

5.1 A difusão e organização “desarrumada” da escola e da sociedade brasileira

Em substituição às culturas indígenas, o processo de colonização europeia trouxe um modelo moderno de sociedade, economia e cultura, que hoje é hegemônico no Brasil. Dentro desse modelo, está a escola aqui fundada pelos Jesuítas, que teve um papel fundamental para a implantação de um modo de ser social baseado em tais princípios

civilizacionais.

“A difusão mundial da escola”, tema central das exposições realizadas no último encontro do Seminário de Educação Brasileira, tem por base o estudo de NÓVOA e SCHRIEWER (2000), que coloca em evidência quatro componentes do processo escolar: alunos, professores, currículo e pedagogia, relacionando-os a diferentes contextos geográficos, sociais e históricos.

Nesse sentido, inicia-se a discussão, tomando como referência a problemática da globalização e do currículo e compreendendo o primeiro processo, como aquele que comporta diferentes aspectos, sobretudo aqueles que se referem à intensificação do domínio de uns países sobre os outros. O currículo segue a estrutura em que é construído e vivenciado, promovendo no meio escolar as mesmas desigualdades da ordem social em que se insere.

É interessante notar, que a análise de globalização sugerida pelo citado texto se assenta nas concepções da sociedade norte-americana, que propaga para o mundo a ideia de que existe uma “cultura educacional global”, desconsiderando as especificidades de cada lugar e de cada período de desenvolvimento humano.

Sobre esse último ponto, o segundo capítulo da obra em estudo centraliza sua discussão sobre a “criança”, que vai gradativamente se perdendo da “infância” para se tornar “aluno”, se adequando às normas de uma “escola global” em seu processo de formação. Assim, o autor vai apresentando de que modo, a partir do final do século XIX, os sistemas de “administração” se integraram aos sistemas “de liberdade”, no sentido de compor de forma autônoma e responsável a formação de cidadãos.

Na mesma linha de análise sugerida para as crianças, segue-se uma reflexão sobre a

“fabricação de identidade” do professor. Segundo o autor, essa construção segue a lógica do modo fabril da sociedade. Os autores colocam ainda que as alterações na identidade do professor são definidas pela lógica do discurso do Estado, que detém o controle do pensamento e das ações dos educadores. Convém salientar que a formação da identidade pela prática do discurso do Estado é benéfica para a manutenção da “ordem” por ele defendida.

Ao abordar o currículo, é colocada em relevo a necessidade de repensar as teorias que fundamentam as práticas pedagógicas, que supere a crítica ao ideário globalizado, onde a homogeneização é apenas um véu que cobre as diferenças e contradições existentes numa sociedade e no espaço escolar.

Ao estudar o Estado como parte de um modelo e sociedade de referência, os autores enfatizam o conceito de “externacionalização”, reunindo esforço por compreender o processo de modernização, a partir da investigação de realidades sociais diferentes que se consolidam como modelo de referência.

No conjunto dos três últimos capítulos, fez-se a apresentação de etapas de um programa de investigação realizado por equipes portuguesas, brasileiras e moçambicanas.

Ao chegar ao final da exposição, emerge a nossa compreensão acerca da obra apresentada, sobre a qual convém tecer algumas reflexões no que se refere ao professor, componente tomado para análise no terceiro capítulo. Um ser criado para criar a sociedade modelada pela escola, que muito pouco tem a ver com as culturas originárias deste Brasil que teve alma índia e hoje a negra, quase inconscientemente.

O professor, é o único profissional que não muda nunca o campo de sua atuação. A sala de aula, seja em que escola for, apresenta as mesmas feições e, ainda assim, se é possível ver nas janelas dos olhares que entram e que saem paisagens diferentes, nascidas dos sonhos e da compreensão de mundo distintas.

O professor é o profissional que encarna diariamente um personagem, de drama ou comédia (conforme a ordem dos acontecimentos do dia), sem tampouco estudar as regras de teatro. É um “acordador” de sonhos e, ao mesmo tempo, um silenciador do desconhecido, é aquele que encontra organização na desarrumada escola da vida, muitas vezes, sem saber ao certo por que o faz com tanta determinação civilizacional. Nesse sentido, pode-se dizer ser o professor ou a professora, a síntese de um processo histórico de longa duração, que tende a se afastar das culturas originárias do Brasil, mas que vai se perfilando na graciosidade da ciranda dos acontecimentos atuais, se fazendo na dimensão de seus sonhos e ideais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura separa e une pensamentos, confunde e clarifica as ideias, faz uma misturação nos gostos, criando a cada etapa de nossas vidas, uma visão nova sobre os acontecimentos e as pessoas. No Seminário de Educação Brasileira, a leitura circulava inteira e sem forma, completamente liberta dos conceitos acadêmicos e sem vínculo com o espontaneísmo da vida super moderna. Chegava a cada aula como uma proposta acanhada e se agigantava nas discussões grupais, momento em que era socializado o entendimento de cada um, que se reverberava em escrita e novas interpretações sobre o que fora lido.

Como instrumento de compreensão do mundo, a

leitura, conduzida tal como foi nesses estudos, ultrapassa os limites de um estar no mundo como ser pensante, mas e também como ser “sonhante”, que cria a cada dia uma nova utopia que aponte para a direção da luz de nossa caminhada, não apenas sob a “presença distante das estrelas”, como diria o poeta Quintana, mas num jeito melhor e mais humano de caminhar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. A Galáxia Internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. A Sociedade em Rede. A Era da informação: Economia, sociedade e cultura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis/ Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 25ª Edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREYRE, Gilberto. Casa grande-grande & senzala - 42ª edição- Rio de Janeiro: Record, 2001.

GAMBINI, Roberto. Espelho índio: a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa, Edições 70, 2009.

Nóvoa, António; Scriewer, Juergen (Eds.) A Difusão Mundial da Escola. Lisboa, EDUCA, 200. 156 p.

ROSA, João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas. 19 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Idelete Muzart Fonseca dos. Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, Lulu – CD perfil. Som Livre, 2004.

TAVARES, Bráulio. ABC de Ariano Suassuna. Rio de Janeiro, José Olympio, 2007.

VELOSO, Caetano – CD Coleção “ obras primas” Polygram, 1997.